

«Levou o homem a sério, levou Cristo a sério»

Cardeal **Kevin Joseph Farrell**, prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Vinte anos após a sua morte, pediram-me uma reflexão acerca do contributo que *don Luigi Giussani* deu à Igreja e ao mundo. Sem aventurar-me em análises históricas aprofundadas, concentro tudo o que me vem à cabeça – pensando na sua pessoa e na sua obra – num único pensamento, que formularia assim: «Levou o homem a sério – levou Cristo a sério».

Don Giussani teve um dom, desde jovem, uma notável sensibilidade humana, existencial e, diria eu, até filosófica, para reconhecer a profundidade da alma humana. Soube captar a grandeza das aspirações do coração humano, presentes em todos, e trouxe-as à luz, fez delas objeto de reflexão, falou delas com admiração, com espanto e respeito. Muitos jovens, ao ouvi-lo, tomaram consciência de si, conheceram melhor o seu mundo interior, a grandeza do seu coração. Talvez nunca tivessem intuído a dignidade do seu espírito, as alturas às quais eles próprios, inconscientemente, aspiravam. Reviram-se na descrição do homem, de cada homem, de onde *don Giussani* partia para fazer o caminho de busca do sentido da vida. Penso que muitos jovens, nos primeiros encontros com ele, devem ter tido um sobressalto de alegria, misturado com surpresa, e devem ter pensado dentro de si: “Aquilo que este padre diz é verdade! É exatamente o que eu sinto. É a realidade que eu estou a viver. Este sou eu! Às vezes intuí isto, mas nunca o soube expressar assim!” Neste sentido, digo que *don Giussani* “levou o homem a sério”: misturou-se com a realidade humana mais profunda, aquela que nunca muda, que não está ligada a uma época histórica, a uma cultura, a um lugar geográfico.

***Don Giussani* soube falar ao homem** enquanto tal, ao homem que tem perguntas irreprimíveis de sentido, que tem em si o desejo de viver plenamente cada aspeto da vida: o amor, a amizade, as relações, o trabalho, o empenho na sociedade, etc. O homem que, em última análise, está aberto a uma dimensão transcendente da vida e que se sente inquieto enquanto não consegue encontrar uma “resposta global” para as suas perguntas, aquela coisa que dá sentido a tudo, que se apresenta tão “repleta” de ser, de bem, de verdade que pode satisfazer qualquer desejo, que pode ser

fundamento para qualquer aspeto da realidade e que pode dar espessura a qualquer experiência humana, incluindo, precisamente, os aspetos mais ordinários e “leigos” da existência: os afetos, a amizade, o estudo, a ciência, o trabalho... A este “levar o homem a sério”, *don Giussani* juntou o “levar Cristo a sério”. *Don Giussani* apresentava-se aos seus primeiros alunos como um “padre de batina”, e como alguém que falava aberta e francamente da sua fé em Jesus Cristo. Desta forma, nunca escondeu a sua identidade, a sua missão, as suas convicções. A descoberta de Jesus como centro da história e do cosmos, como fulcro de tudo o que existe e como plenitude de sentido para o homem, foi uma verdadeira “iluminação” nos seus anos de juventude. Nunca deixou de comunicar e anunciar

***Don Giussani* colocou a tónica na iniciativa gratuita e surpreendente de Deus, que veio ao nosso encontro, que se fez “encontrável”**

esta sua “descoberta” pessoal a todos os que encontrava. *Don Giussani*, com grande ênfase, colocou a tónica na iniciativa gratuita e surpreendente de Deus, que veio ao nosso encontro, que se fez “encontrável” e “experimentável” nos aspetos concretos da vida humana do seu Filho, na vivência histórica de Jesus de Nazaré, que permanece para sempre um “facto histórico”. Daqui a forte insistência no cristianismo não como sentimento, como intuição filosófica de verdades sublimes ou como rígida exigência ética, mas como “acontecimento” perenemente presente na história. Deus, a sua realidade, a sua existência, o seu amor, vieram ao nosso encontro na “carne humana” do Verbo feito homem, que permanece até hoje, e para sempre, concreta, “encarnada”, graças à Igreja, que é o “corpo” de Cristo, o seu prolongamento visível na história. *Don Giussani* nunca teve medo de falar de Cristo, mesmo em ambientes desfavoráveis a discursos religiosos. E nunca teve medo de dizer que encontramos Cristo na Igreja, e não em experiências solitárias de suposta “es-

piritualidade”. Encontramo-l’O na Igreja, entendida nos seus aspetos concretos, feita de homens e mulheres que creem e vivem juntos a sua fé, feita de pastores, feita de “Tradição” – a interpretação global da realidade que nos fornece o credo cristão – e feita de “tradições” – as modalidades históricas, litúrgicas e devocionais através das quais a fé se exprime – que *don* Giussani sabiamente valorizou e repropôs aos seus jovens. Tudo o resto, diria eu, veio por si. Uma vez que as pessoas descobriam em Cristo a plenitude da existência humana e o acolhiam, quase naturalmente, por “superabundância” e por “coerência interior”, expressavam a nova presença de Cristo em si mesmos, em tudo o que faziam: no mundo do trabalho, nos ambientes profissionais, nos ambientes escolares, nos gestos caritativos que floresceram ao longo dos anos. *Don* Giussani, portanto, soube juntar “as perguntas do homem” e “a resposta de Deus” mostrando a razoabilidade do anúncio cristão enquanto plena realização do humano. O seu carisma de educador sabia despertar as grandes perguntas do coração, trazendo à luz as aspira-

A sua extraordinária obra educativa e de evangelização continua a ser ainda um “indicador de direção” também para a atualidade da Igreja

ções do homem, e sabia mostrar como Cristo é a resposta definitiva a todas essas perguntas. E isso fascinou milhares de pessoas no decorrer da sua vida.

Refletindo bem sobre isso, podemos ver neste aspeto do carisma de *don* Giussani uma iniciativa providencial do Espírito Santo, que antecipava nele aquilo que inspiraria também no Concílio Vaticano II. Os padres conciliares, com efeito, propuseram-se a falar de novo, com verdade e franqueza, ao homem contemporâneo e a propor a perene validade de Cristo. Pensemos nas conhecidas afirmações da *Gaudium et spes*, que elenca as interrogações fundamentais presentes em nós: «Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, que, apesar do enorme

progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber? Que há para além desta vida terrena?» (GS 10). Diante destas perguntas, os padres conciliares afirmam: «A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo (...) oferece aos homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação (...) Quer, portanto, o Concílio, à luz de Cristo (...) dirigir-se a todos, para iluminar o mistério do homem» (ibid.). Foi exatamente isso o que *don* Giussani fez durante toda a sua vida, e que continua a ser o grande contributo que ele deu à Igreja.

A extraordinária obra educativa e de evangelização deste padre apaixonado, fiel servidor da Igreja, que eu quis sintetizar na expressão “levar o homem a sério – levar Cristo a sério”, continua a ser ainda um “indicador de direção” também para a atualidade da Igreja. De facto, a Igreja, por um lado, corre o risco de “não levar o homem a sério” quando o banaliza, quando o reduz às suas necessidades mais superficiais e acaba assim por propor, nas suas atividades, experiências vácuas e passageiras de emotividade religiosa, ou quando se limita a aproximar-se do mundo ao promover apenas bem-estar psicológico e material para a coletividade. Por outro lado, coisa ainda mais séria, a Igreja corre sempre o risco de “não levar Cristo a sério”, porque cala a respeito dele, porque não o põe em primeiro plano, reduzindo o seu anúncio a “valores” ou a “deveres civis” ou a “normas morais” extrínsecas, chegando às vezes a quase dar a impressão de “envergonhar-se” de Cristo, na falsa convicção de não dever “impor” as suas ideias, de não querer parecer “dogmática” e “arrogante” nas suas propostas.

Don Giussani ensina-nos, ainda hoje, a não termos estes falsos receios, a não escondermos a nossa candeia, que é Cristo, debaixo do alqueire, mas a colocá-la bem à vista sobre o candelabro da Igreja. O seu carisma e o seu incansável apostolado não são apenas um dom para a Igreja, são também o contributo que *don* Giussani deu ao mundo, porque o mundo inteiro está à espera da Verdade, da reconciliação, da esperança, que só podem vir de Cristo.